



# DUELO DE GIGANTES

AUTOR: GONÇALO FERREIRA DA SILVA

\*\*\*\*\*



J.VICTOR

# DUELO DE GIGANTES

*Gonçalo Ferreira da Silva*

Foi com sangue, ferro, fogo,  
luta, determinação,  
desprendimento, coragem,  
amor, obstinação...  
que nossos pais escreveram  
a história do sertão.

Nossa história é do tempo  
dos bandoleiros ousados,  
dos coronéis arrogantes,  
dos mais cruéis delegados  
que foram protagonistas  
os nossos antepassados.

Brotou não se sabe como  
do chão duro do sertão  
um homem que mereceu  
a fama de valentão  
apaixonado por briga  
um comprador de questão.

Era muito natural  
ver-se um casal escondido  
com a mulher confessando  
a falsidade ao marido  
pois o local ia ser  
pelo sujeito invadido.

Bastava que alguém falasse  
o nome do valentão,  
de quem estivesse escrevendo  
a pena caia da mão  
e se estivesse bebendo  
o copo caia no chão.

O seu nome de batismo  
não nos foi dado saber,  
nunca ninguém perguntou,  
ele nunca quis dizer,  
“O Matador” fora como  
se dera a se conhecer.

Um dia um coronel disse  
como quem faz uma aposta:  
– Quando encontrar Matador  
vou fazer-lhe uma proposta:  
duzentos mil réis por mês  
para ser meu guarda-costa.

O coronel Vasconcelos  
com habilidade e tato  
contratou o Matador  
dando-lhe humano trato;  
daí pra frente é que o povo  
viu insulto e desacato.

O Matador convocou  
os empregados restantes  
e incentivou a todos  
pra se tornarem insultantes  
malcriados, presunçosos,  
desumanos e arrogantes.

E eram desafiados  
pra suicidas duelos,  
alguns tremiam de medo  
outros ficavam amarelos  
mas lutavam pra alegrar  
o coronel Vasconcelos.

Aquele que se negasse  
cumprir as ordens do chefe  
depois de martirizado  
com pontapés e tabefe  
tinha a pele retalhada  
por um cruel magarefe.

Quando o monstro desalmado  
invadia o povoado  
atirava nas janelas  
e o povo amedrontado  
por precaução preferia  
esconder-se, acovardado.

O coronel exhibia  
arrogância desmedida:  
– contratei o Matador  
pra ter uma equipe unida  
para lutar contra a morte  
na preservação da vida.

Também ninguém mais queria  
abrir botequim na praça  
pois garrafas e garrafas  
de conhaque e de cachaça  
os cabras do coronel  
bebiam todas de graça.

E se o dono do bar  
 acaso achasse ruim  
 eles quebravam garrafas,  
 prateleiras, e no fim  
 mangavam ainda da cara  
 do dono do botequim.

Foi mergulhada num clima  
 de tirania cruel,  
 de tiro ensurdecedor,  
 de temeroso tropel  
 que nasceu e se criou  
 a filha do coronel.

Passeava muito pouco,  
 era meiga e educada  
 mas no ambiente hostil  
 nunca arranjou camarada  
 e temia a violência  
 como uma pomba asustada.

Uma vez deram uma surra  
 tão grande no delegado  
 que mereceu a pergunta:  
 – Por que surraram o coitado?  
 – Foi só para não deixar  
 o grupo desativado.

Porém são tantas as voltas  
 que o velho mundo tem dado  
 e em muitas dessas voltas  
 tem deixado o resultado:  
 sinistro e negro capítulo  
 a sangue e fogo gravado.

Hoje em dia nós sabemos  
que a personagem central  
desta história que escrevemos  
era um homem sem igual  
e um regenerador  
em missão especial.

Seu nome era Rafael  
muito raro no sertão  
e nascido numa era  
que a civilização  
mantinha ainda na boca  
a primeira dentição.

Seu pai foi assassinado  
mas tinha os demais parentes,  
amava aventuras fortes,  
diferentes ambientes  
e ganhou o mundo em busca  
de emoções diferentes.

Medo para Rafael  
continuava um segredo,  
pois aprendeu ser valente  
teve que lutar tão cedo  
que na vida nunca teve  
qualquer sensação de medo.

Quando, às vezes, no silêncio  
de profunda solidão  
ao escutar as batidas  
do seu próprio coração  
se curvava reverente  
ao autor da Criação.

Um angico secular  
erguia-se no sertão,  
pelo gigantesco porte  
dava até a impressão  
dum descomunal fantasma  
vigilando a solidão.

Justamente ao pé daquele  
imponente vegetal  
Rafael colocou trempes  
pra cozinhar cereal  
descansando até às notas  
da orquestra matinal.

Nesse tempo o banditismo  
o auge havia alcançado  
e o governo envidava  
esforço desordenado  
pra conter a fúria do  
cangaço famigerado.

Era mais fácil o cangaço  
ter correligionários  
do que o fraco governo  
disciplinar voluntários  
que enfrentassem o cangaço  
em combates temerários.

Com Rafael, no entanto  
houve um caso singular  
pois quando foi convidado  
pra no cangaço ingressar  
de maneira inteligente  
ele fingiu aceitar.



Passou a acompanhar  
do grupo o seu movimento,  
as conversas que mantinham,  
do chefe o comportamento;  
de corpo e alma entregou-se  
ao seu empreendimento.

Foi pelo chefe do bando  
o grupo licenciado  
para ir beber uns tragos  
num pacato povoado,  
ficou Rafael somente  
do seu chefe acompanhado.

Era um momento daquele  
que Rafael esperava  
com voz firme e decidida  
disse que seu chefe estava  
preso e que dali pra frente  
grupo algum mais comandava.

Dizendo isto passou  
da teoria à ação:  
com certa cacetada  
jogou o cabra no chão  
o qual desmaiou sem tempo  
de esboçar reação.

E em direção oposta  
ao pacato povoado  
em que o grupo bebia  
muito despreocupado  
o bandido foi no lombo  
do cavalo, atravessado.



Quando o grupo malfasejo  
do povoado voltou  
não mais encontrando o chefe  
outro líder nomeou  
na sanha brutal do crime  
a vida continuou.

Rafael enquanto isso  
com as armas prontas seguia  
conduzindo o bandoleiro  
uma vez que pretendia  
entregá-lo de presente  
ao governo da Bahia.

Quando o bandido acordou  
da pesada inconsciência  
escutou de Rafael  
a severa advertência:  
- Ore a Deus enquanto eu tenho  
um resto de paciência.

Quando sentiu-se afagado  
pela brisa boreal  
penetrou em Jequié  
e na rua principal  
entregou o malfasejo  
ao delegado local.

Rafael ao entregar  
o bandido, disse assim:  
- Minha missão, delegado,  
agora chegou ao fim  
eis aí o perigoso  
bandoleiro Zepelim.

Com infinita surpresa  
e medo mau controlado  
o delegado fitou  
Rafael admirado  
e este segurou firme  
o olhar do delegado.

Com rapidez espantosa  
a notícia se espalhou,  
em frente a delegacia  
o povo se aglomerou  
movido pelo impacto  
que Rafael provocou.

Muitos vinham conhecer  
o bandoleiro valente,  
mas se fossem consultadas  
as moças principalmente  
vinham era conhecer  
Rafael pessoalmente.

A fama de Rafael,  
seu desmedido valor  
por livrar o povo ordeiro  
das garras de um malfeitor  
alcançaria os ouvidos  
até do governador.

Foi o próprio delegado  
quem afirmou: – Excelência  
Rafael é um rapaz  
de soberba competência,  
um caçador de bandidos  
de real eficiência.

Zepelim é um bandido  
difícil de ser caçado,  
por soldados mais famosos  
ele jamais foi tocado  
Rafael sozinho o trouxe  
de pés e mãos amarrado.

O governador com tato,  
amabilidade e jeito  
disse a Rafael: – Preciso  
dum agente de conceito  
ofereço-lhe esse cargo  
disse Rafael: – Aceito.

Vamos deixar Rafael  
e o nosso governador,  
voltemos ao povoado  
onde o cruel Matador  
continua em sua faina  
de espalhar o terror.

O Matador nunca teve  
tão sombria inspiração  
como a que um dia tocou  
seu perverso coração  
de conquistar Isabel  
a filha do seu patrão.

Pois foi veementemente  
por Isabel repellido  
que lhe disse: – Matador  
não seja tão esquecido  
e continue na fazenda  
no seu papel de bandido.

Vasconcelos quando viu  
Matador apaixonado  
o segurou pela gola  
e disse encolerizado:  
Foi pra ser meu guarda-costa  
que você foi contratado.

Porém foi uma derrota  
momentânea e aparente  
pois o cruel Matador  
não era apenas valente  
sabia fazer as coisas  
de modo conveniente.

Reuniu ocultamente  
os vaqueiros numa tenda  
e com os quais traçou planos  
envolvendo até a venda  
de mil animais roubados  
ali na própria fazenda.

Quando todos os vaqueiros  
responderam: – Sim, senhor  
fitou o grupo, dizendo:  
– Se houver um traidor  
nem que se esconda no inferno  
presta conta ao Matador.

Os assaltos na fazenda  
se tornaram tão constantes,  
as ameaças de perdas  
humanas tão alarmantes  
obrigaram Vasconcelos  
a contratar vigilantes.

Todavia os vigilantes  
foram insuficientes  
pois quanto mais vigiavam  
mais ocorriam acidentes  
e os roubos na fazenda  
também muito mais frequentes.

O fazendeiro chamou  
o Matador à razão,  
este disse que era pago  
para cumprir a missão  
de ser o seu guarda-costa  
não de perseguir ladrão.

Vasconcelos achou boa  
a resposta do empregado  
e instruído por este  
rumou logo ao povoado  
achando que aquilo era  
da conta do delegado.

Os olhos voando chispas  
do mais intenso furor  
disse irado o delegado:  
– Fique sabendo o senhor  
que punirei os culpados  
com justiça e com rigor.

Porém enquanto o incauto,  
fazendeiro se ausentava  
o delegado sorria  
e para si comentava:  
– Como ator eu me sai  
melhor do que esperava.

O delegado saindo  
do seu papel de ator  
deixou a delegacia  
talvez com certo pavor  
para tentar um encontro  
às pressas com Matador.

Mas um vaqueiro já vinha  
numa grande disparada  
dizendo a quem encontrava  
que a filhinha adorada  
do coronel Vasconcelos  
tinha sido sequestrada.

O delegado prudente  
voltou à delegacia  
e o Matador irônico  
para o seu patrão dizia:  
– Querendo a filha de volta  
só depende da quantia...

... – Eu sou contratado para  
as suas costas guardar,  
mas querendo a sua filha  
no aconchego do lar  
só com dinheiro ou então  
para comigo casar.

O coronel Vasconcelos  
sem poder mais se conter  
quase que esmurra o bandido  
botando tudo a perder  
porém teve, por milagre,  
tempo pra se arrepender.

Mais uma vez Vasconcelos  
tristonho e contrariado,  
com pensamentos confusos  
desiludido, aterrado  
foi solicitar ajuda  
ao maldito delegado.

O delegado nervoso  
quase se denunciou:  
– Meu coronel Vasconcelos  
às suas ordens estou  
no entanto a sua filha  
não sei quem a sequestrou.

Os olhos do delegado  
denunciavam pavor  
pois se naquele momento  
chegasse ali Matador  
seria um fatal desastre  
de final demolidor.

Repentinamente a porta  
foi aberta bruscamente,  
pesado e tenso silêncio  
tomou conta do ambiente,  
mas em vez de Matador  
era um rapaz diferente.

Quando o rapaz, no entanto  
delicadamente ia  
dizer para o delegado  
o cargo que exercia  
Matador feito um corisco  
entrou na delegacia.



Enganou-se Matador  
ao pensar que o delegado  
se encontrava sozinho;  
e ao vê-lo acompanhado  
riscou de chofre ficando  
surpreso, imobilizado.

Porém disse, ao desfazer-se  
da surpresa inicial:  
– Vim falar com o delegado  
um assunto pessoal  
e encontro estes palhaços  
ocupando este local.

Disse o rapaz: – Fale logo  
a que veio, cidadão,  
pois nesta delegacia  
nem eu nem o seu patrão  
e nem mesmo o delegado  
sofremos do coração.

Matador parou à moda  
de quem faz um julgamento  
depois seu berro potente  
fez tremer o aposento  
– Vou cortar a sua língua  
pelo seu atrevimento.

Rafael com rapidez  
e incrível precisão  
as chaves que o delegado  
mantinha presas na mão  
as arrancou, recuando  
na direção do portão.

Vendo que a situação  
era cada vez mais tensa  
disse, com as armas em punho:  
– Não gosto de desavença  
mas isto é lugar pra macho  
manifestar o que pensa.

O meu nome é Rafael  
e estou encarregado  
pelo governador para,  
ao lado do delegado  
apurar crimes que ocorrem  
aqui neste povoado.

...– Querendo o predo, pois tenho  
autoridade legal  
mas dou-te oportunidade  
pra, de igual para igual  
medirmos as nossas forças  
em um duelo leal.

Pais de famílias tiveram  
suas casas invadidas  
amedrontados, deixando  
as crianças escondidas  
sem ter quem corra em defesa  
dessas inocentes vidas.

Por causa de vandalismo,  
de tortura, de pavor,  
de sequestro, de assalto,  
de violência e terror  
já entreguei Zepelim  
nas mãos do governador.

Sem força moral alguma  
pra tentar se defender  
e traído pelo ódio  
Matador, sem se conter  
ignorou a prudência  
botando tudo a perder.

Voou sobre Rafael  
usando o fator surpresa,  
porém Rafael usando  
de fenomenal destreza  
jogou a cara do cabra  
na quina dura da mesa.

Virou-se para Vasconcelos  
e disse: – Tome cuidado,  
você que é menos covarde  
cuide deste delegado  
pois ele é um traidor  
por Matador contratado.

Não precisa julgamento  
porque ele não merece,  
bote-o num catre e feche  
pois é do que ele carece  
é um covarde tão sujo  
que nem perigo oferece.

O Matador despertou  
e com um sopapo certo  
fez Rafael recuar,  
conquanto ficasse perto  
levou a porta nas costas  
e a luta pra campo aberto.

Agora o grande duelo  
se tornou mais pavoroso,  
Matador era mais lento  
porém muito musculoso  
e Rafael mais franzino  
porém mais habilidoso.

Como a luta agora era  
fora da delegacia  
e possivelmente todo  
o povoado assistia  
a favor de Rafael  
a população torcia.

Não tinha ainda o duelo  
vestígio de resultado.  
No entanto Rafael  
conservava bem guardado  
um grande estoque de truques  
que ainda não tinha usado.

E Rafael se atirando  
com desusado furor  
teve o prazer de arrancar  
junto com um grito de dor  
muitos dentes e um pedaço  
da língua do Matador.

Novos socos foram dados  
em menos de um segundo  
depois como quem mergulha  
num buraco muito fundo  
o Matador foi aos poucos  
se despedindo do mundo.

Rafael ajoelhou-se  
e vendo que o coração  
do cabra ainda batia  
disse para multidão:  
– Eu quero este cabra vivo  
a bem da minha missão.

Ordenou a Vasconcelos:  
– Leve este pobre coitado  
para o catre onde se encontra  
o frouxo do delegado  
e este à minha presença  
por precaução, amarrado.

Não esperou Vasconcelos  
segunda autorização  
foi ao catre logo e fez  
a substituição  
exibindo o delegado  
covarde à população.

E o delegado ainda  
disse que não conhecia  
esconderijo e portanto  
não ia servir de guia  
porém um murto no queixo  
o fez concordar que ia.

Durante uma longa hora  
andaram no matagal  
cansados, sem ter ainda  
de vida humana sinal  
distante havia um buraco  
como um túnel natural.

Passaram a ouvir ruídos  
vindos do interior  
e junto com os ruídos  
gritos de ódio e de dor  
e lastimações mescladas  
de sofrimento e pavor.

Rafael deu instruções  
ao delegado impotente  
pra penetrar na caverna  
trazendo Isabel urgente  
e os sequestradores presos  
inargumentavelmente.

À medida que o pobre  
do vencido delegado  
ia entrando na caverna  
dava grito apavorado:  
– Não atirem, por favor,  
eu só lhes trouxe um recado.

Movidos pelo instinto  
selvagem da violência  
os bandidos desprezaram  
os conselhos da prudência  
fator tão indispensável  
à nossa humana existência.

O que encabeçava a fila  
foi mortalmente atingido,  
o segundo tropeçou  
no que estava caído  
o último juntou-se aos outros  
ficando o trio estendido.



Conquanto Isabel sentisse  
muita humilhação e dor  
com infinita ternura  
fitou o seu salvador  
ambos sentiram a presença  
onipotente do amor.

O pessoal quis linchar  
Matador sem piedade  
mas a voz de Rafael  
soou com autoridade:  
– Matador, eu lhe concedo  
segunda oportunidade.

Matador partiu gritando:  
– Hoje eu quero ver quem cai.  
Alguém gritou: – Rafael  
neste papo ninguém vai  
este aí é o cangaceiro  
que assassinou seu pai.

Há algo que o povo chama  
de verdade absoluta:  
o que perder a cabeça  
no calor de uma disputa  
quase invariavelmente  
perde a cabeça e a luta.

Matador enfurecido  
e cego de ódio ataca  
Rafael com um sutil drible  
permitiu que Jararaca  
espetasse o coração  
na ponta da própria faca.

Rafael virou o corpo  
do cabra e quando o virou  
constatou que estava morto  
e depois que constatou  
declarou para os presentes:  
– Minha missão terminou.

Isabel e Vasconcelos  
compareceram ao local  
quando o coronel lhe deu  
seu abraço pessoal  
Isabel deu no rapaz  
um abraço especial.

Obedecendo ao apelo  
do governo do Estado  
Rafael aceitou logo  
o cargo de delegado  
com poderes pra eleger  
o seu secretariado.

Rafael no dia seguinte  
com Isabel casaria  
na santa paz da cidade  
que nele se refletia  
em forma de sentimento  
de amor e poesia.

9475



Rua Leopoldo fróes, 37, Santa Teresa, Rio de Janeiro

Tel: (21)2232-4801 \* contato@ablc.com.br

[www.ablc.com.br](http://www.ablc.com.br)